— A Lâmina Inquebrável, Lúcio... Do outro lado, Taylor, que acabara de derrotar a invasão de demônios e do Caos, respirava ofegante enquanto construía sua fortaleza de sacos de areia, misturando concreto e barricadas. Eles poderiam muito bem ter fugido dali, mas Taylor havia acumulado uma quantidade enorme de suprimentos ao longo do tempo. Aqueles recursos poderiam ser a salvação para outros leais que conseguissem chegar até ali. Por isso, não podiam recuar. Primeiro, porque Taylor não estava disposto a abandonar a vida relativamente luxuosa que levava agora, onde até podia se dar ao luxo de comer três latas de comida por refeição. Segundo, porque o resto do Império precisava da proteção deles. Soava um pouco narcisista, mas, naquela nave arruinada, Taylor vivia melhor do que alguns dos Astartes do Caos. Sem eles para segurar os Astartes inimigos, aquela Fortaleza de Pedra Negra poderia disparar com tudo! Pensando nisso, ele abriu uma lata de frutas sem muita vontade, comeu tudo e pendurou a lata vazia num canto como sistema de alarme. Claro que um Astartes jamais cairia numa armadilha tão óbvia, mas melhor isso do que nada. Depois de dar um toque na lata, fazendo-a tilintar, ele voltou para o acampamento. Os Punhos do Imperador já haviam transformado o local numa pequena fortaleza. Os corredores estavam cheios de barricadas e arame farpado, com postos avançados erguidos rapidamente. O concreto de secagem rápida se mostrara uma mão na roda — ironicamente, o material havia sido originalmente destinado à construção de esculturas. — Quem diria que daria certo... Quando virou uma esquina, Taylor se deparou novamente com uma daquelas criaturas que pareciam leprosos. O monstro avançou sem hesitação em sua direção, gritando como um louco antes de correr para cima dele. Mas, quando ficou bem perto, de repente, recuou e fugiu. Isso provava que, embora o brilho do Santo Vivo estivesse desaparecendo, seus efeitos ainda não haviam sumido por completo. Taylor resmungou e balançou a cabeça. O medalhão do Santo Vivo em seu peito brilhava cada vez mais fraco. Eles estavam perdendo sua única defesa contra o Caos, e aquilo o deixava profundamente angustiado. Ao entrar no acampamento, os soldados o saudaram com respeito, como se dissessem que deviam a vida a ele. Taylor sentiu um aperto no peito. Ele havia se apropriado da coragem e da previsão de Róger, o Homem de Ferro, como se fossem suas. Mesmo que o robô já tivesse dito inúmeras vezes que não ligava para a adoração dos humanos, Taylor ainda achava que devia compensá-lo de alguma forma — talvez dando uma boa polida nele para remover a ferrugem. Afinal, num momento de impulso, ele até arranhou o traseiro do robô... Por mais que relutasse em admitir, o Homem de Ferro era como um irmão para o Pelotão 15. E Taylor sempre protegeu os seus. Isso ficava claro no fato de muitos soldados o chamarem de "chefe" em vez de "oficial". Pensando nisso, ele assumiu seu posto, cumprimentou Roland, o novato que carregava uma metralhadora pesada, e beliscou a bochecha da atiradora Ratling. Depois, sentou-se em sua cadeira de comando e suspirou ao olhar para o corredor infinito à sua frente. — Quando essa porra vai acabar? Mal terminou a frase, o tilintar das latas de alarme ecoou pelo local. Taylor coçou a orelha, confirmou que o inimigo havia acionado não um, mas dois dos seus alarmes improvisados, e gritou: — Preparem-se para o combate! São uns idiotas! — Como alguém não vê uma corda no meio do caminho?! Capítulo 155: O Dia a Dia das Brigas do Caos — Como eu não vi isso?! Lúcio praguejou ao esbarrar nas latas tilintantes, que pareciam uma armadilha de criança. Ele ainda estava se adaptando ao corpo de um Eldar, e isso tinha sido o resultado. Ergueu sua lâmina de guerra, e o brilho molecular da arma fez os Astartes do Caos ao seu redor calarem a boca. Havia cerca de duzentos deles ali — todos guerreiros de elite. Mas, no momento, estavam todos lutando para não rir. Justamente por serem tão bons, ninguém havia avisado Lúcio sobre a corda no chão. E justamente por serem tão bons, a raiva dele só aumentou. Seu rosto estava vermelho, quase dando um ar de fofura — mas, assim que terminasse de se adaptar ao corpo Eldar, aquela aparência se transformaria num dos visuais mais aterrorizantes do universo. Mas Lúcio não era nenhum ingênuo. Continuou avançando e, de repente, curvou-se para trás, seu corpo Eldar se dobrando como se fosse partido ao meio. Um míssil pesado atravessou a linha de frente e acertou em cheio a cabeça de um Astartes do Caos, explodindo seu crânio num instante. A vingança de Lúcio foi tão infantil quanto a armadilha das latas. Talvez por isso a maioria da tropa considerasse o Velho Médico um líder mais competente. Só que Fábio, ao contrário de Lúcio, preferia pesquisas a batalhas. Ele não matava sem motivo — embora, para

muitos, seus experimentos não fossem muito diferentes de massacres. Claro, Lúcio jamais admitiria que Fábio era mais bem-sucedido. Ele seguiu em frente, sinuoso como uma cobra venenosa, até que uma cortina de fogo bloqueou seu avanço. Por mais que os inimigos fossem apenas a Guarda Imperial, seus ataques eram dignos de Astartes — com balas de urânio empobrecido e plasma, eram bem difíceis de lidar. Lúcio percebeu que aquela seria uma luta dura, mas não recuou. Ele tinha o dom da imortalidade: se qualquer soldado da Guarda Imperial o matasse, em algumas semanas, ele possuiria o corpo do humano. Sua armadura e armas brotariam da carne do infeliz, ele cresceria e se tornaria Lúcio novamente. Era como se sua alma ecoasse infinitamente naquele universo louco e solitário. E Lúcio já estava acostumado. Agora, ele ria enquanto avançava, como se as balas não valessem nada. Na linha de frente dos humanos, Taylor olhou pelo binóculo e viu a cena. — Por que tem um Eldar que parece ter pego alguma doença de Slaanesh fazendo performance artística ali? Estava prestes a ordenar que os soldados atirassem — afinal, no universo, só os mortos eram inofensivos — quando uma voz ecoou no rádio: — Ela é Lúcio. No idioma do Império, "ele", "ela" e "isso" tinham pronúncias distintas. Portanto, não foi difícil identificar o indivíduo no meio daquela horda de devotos de Slaanesh. E aquela voz rouca e úmida só podia ser de Dragan — o cara com quem Taylor nunca se deu bem. Taylor pensou em muitas coisas num instante: por que ele estava se ajudando, se isso também fazia parte de algum plano maligno. Mas quando lembrou da relação entre Slaanesh e Nurgle, Taylor de repente se acalmou. Não, aquela irmãzinha azarada, Slaanesh, não se dava bem com os três irmãos mais velhos. Afinal, ficar obcecada com coisas do baixo escalão nunca traz respeito. Khorne, o Senhor da Guerra, era o deus da batalha e da coragem, mas também da fúria e da brutalidade. Nurgle era a manifestação da peste eterna, da vida e do ciclo, a origem de todas as doenças. Tzeentch, o primeiro assassino do mundo, nasceu quando os homens deixaram as espadas e escolheram o veneno, tão antigo quanto a própria civilização humana. Agora que pensava, Slaanesh, representando amor e luxúria, realmente parecia frágil — talvez por ser a mais jovem. Mas, no geral... A carreira da irmãzinha não estava indo bem. Depois de refletir, Taylor gritou: — Não ataquem a eldar! Ela é uma entidade do Caos — quem a matar vai ser possuído! As palavras assustaram os soldados. Se fosse um pelotão comum, ele jamais revelaria isso, mesmo que custasse vidas. Um exército normal do Império jamais compartilharia essa informação. O certo seria deixar os soldados lutarem e, se alguém ferisse Lucius, cortar seus membros, amordaçá-lo e jogá-lo no vácuo. Mas Taylor não era do tipo que sacrificava a lealdade dos outros pela vitória. Preferia evitar o confronto a arriscar seus homens contra um demônio. Claro, revelar a verdade poderia causar pânico e desmoralização. Porém, as tropas de Taylor eram de elite. Sabia que nem os membros do 1º Regimento de Redenção de Scadia nem os soldados do 15º Pelotão recuariam diante de um demônio. Afinal, já haviam visto todo tipo de monstro. Mesmo assim, usar Lucius como escudo não adiantaria — enquanto ele estivesse ali, ninguém ousaria atirar... Depois de muito pensar, Taylor encontrou uma solução. Virou-se para um de seus companheiros e pediu: — Me ajuda... só dessa vez. A figura respondeu com um tom de resmungo: — Só essa vez da vida, né? Já sei... mas eu caí nessa armadilha sua! Taylor sorriu por um momento, até que a enorme figura avançou. Do outro lado da linha de frente, Lucius percebeu que os tiros haviam cessado. Confuso, ergueu os olhos e viu Taylor observando-o com um binóculo. Ali estava aquele oficial do Império — um verdadeiro prêmio. Sua alma seria um deleite para Slaanesh. Um demônio maior prometera recompensá-lo se conseguisse capturá-lo. Como aquilo o deixava ávido! Mal podia esperar para arrancar a pele daquele homem, reduzir seu corpo a pedaços e entregar sua alma despedaçada ao demônio. Mas também sentia raiva — alguém revelara sua identidade e seus poderes aos soldados... Que importava? Lucius sorriu. Ele era o melhor espadachim dos Filhos do Imperador, um Astartes de habilidade incomparável, veterano dos campos de batalha mais cruéis e prova viva da imortalidade. Ergueu seu chicote de carne, enquanto sua espada molecular — forjada pelos Laer — brilhava em sua mão direita. Sua armadura era feita de mil peles humanas, e os gritos das vítimas gravados nela já eram suficientes para enlouquecer mortais. Destruir aquela Guarda Imperial seria fácil. E agora ainda teria de enfrentar um bando de covardes com medo de atirar? Av

<http://portnovel.com/book/29/5132>